Mobilidade e adaptação dos grupos Warao em contextos urbanos

Mobility and adaptation of Warao groups in urban contexts

Movilidad y adaptación de los grupos Warao en contextos urbanos

Walison Almeida Dias[1]
Janari da Silva Pedroso[2]

Resumo

Dias, W. A. Pedroso, J. S. Mobilidade e adaptação dos grupos Warao em contextos urbanos. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 105-134, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2538

Os Warao constituem um dos povos indígenas mais antigos da Venezuela, historicamente estabelecidos no Delta do Rio Orinoco, cuja mobilidade é um traço culturalmente significativo que remonta a milênios. A partir de 2014, impulsionados pela crise socioeconômica venezuelana e pela pressão sobre seus territórios tradicionais, diversos grupos Warao deslocaram-se para cidades brasileiras, incluindo Belém do Pará. Nesse contexto, esta pesquisa investigou como os Warao, em processo de mobilidade pela Amazônia brasileira, reorganizam suas estruturas sociais e ressignificam seus saberes tradicionais para assegurar a continuidade identitária e a coesão comunitária no contexto urbano. A pesquisa foi realizada entre 2020 e 2022, adotando uma abordagem qualitativa de estudo de caso etnográfico, com coleta de dados por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas, gravações de áudio e fotografias, junto à comunidade liderada pelo Aidamo Valentin Perez no abrigo municipal do Tapanã, em Belém. Os resultados evidenciam a complexa interação entre mobilidade, identidade cultural e transmissão de saberes, destacando como os Warao desenvolvem estratégias de preservação cultural e resistência às pressões do meio urbano, com ênfase no papel crucial das narrativas orais e da transmissão de conhecimentos tradicionais para a manutenção da identidade do grupo.

Palavras-chave: Mobilidade, Transmissão de Saberes, Contextos Urbanos, Warao.

Abstract

Dias, W. A. Pedroso, J. S. Mobility and adaptation of Warao groups in urban contexts. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 105-134, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2538

This research analyzed the mobility of the Warao in urban contexts in the Amazon region of Pará. The research highlights the importance of adopting a broad temporal perspective to understand the presence of the Warao in cities. In the midst of vulnerability, knowledge is transmitted to maintain social cohesion, aiming to understand the complex relationship between mobility, culture and identity of the Warao in the Brazilian urban context. Through these approaches, the objective is to reflect this process with a focus on the transmission of knowledge in urban environments. This qualitative study adopts a case study approach and uses data collection techniques such as field research, semi-structured interviews, audio recordings, and photographs. The results of this research show the complex interaction between mobility, cultural identity and the transmission of knowledge of the Warao group in urban contexts. Mobility has an impact on the preservation of culture and resistance to urban influence, highlighting the crucial role of the transmission of traditional knowledge.

Keywords: Mobility, Knowledge Transmission, Urban Contexts, Warao.

Resumen

[1] Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-IFCH/UFPA). E-mail: walison.dias@ifch.ufpa.br Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2497-3555

[2] Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (PPGTPC/UFPA). Docente permanente nos dois programas de pós-graduação em Psicologia da UFPA (PPGP, nota 4 e PPGTPC, nota 6 Qualis CAPES). Coordenador do Laboratório de Desenvolvimento e Saúde (LADS). E-mail: pedrosoufpa@gmail.com Orcid: http://orcid.org/0000-0001-7602-834X

Dias, W. A. Pedroso, J. S. Movilidad y adaptación de los grupos Warao en contextos urbanos. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 105-134, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2538

Esta investigación analizó la movilidad de los Warao en contextos urbanos en la Amazonía paraense. La investigación resalta la importancia de adoptar una perspectiva temporal amplia para comprender la presencia de los Warao en las ciudades. En medio de la vulnerabilidad, los conocimientos se transmiten para mantener la cohesión social, con el objetivo de comprender la compleja relación entre movilidad, cultura e identidad de los Warao en el contexto urbano brasileño. A través de estos enfoques, se busca reflexionar sobre este proceso con un enfoque en la transmisión de conocimientos en entornos urbanos. Este estudio cualitativo adopta un enfoque de estudio de caso y utiliza técnicas de recolección como la investigación de campo, entrevistas semiestructuradas, grabaciones de audio y fotografías. Los resultados de esta investigación evidencian la compleja interacción entre movilidad, identidad cultural y transmisión de conocimientos del grupo Warao en contextos urbanos. La movilidad impacta en la preservación de la cultura y la resistencia a la influencia urbana, destacando el papel crucial de la transmisión de conocimientos tradicionales.

Palabras clave: Movilidad, Transmisión de Saberes, Contextos Urbanos, Warao.

Data de submissão: 01/06/2025
Data de aceite: 21/05/2026

1.Introdução

Os Warao constituem um dos povos indígenas mais antigos da Venezuela, com uma história de ocupação do Delta do Rio Orinoco que remonta a pelo menos oito mil anos (Allaire, 1997; Heinen, 1988). Trata-se de um coletivo agrupado em torno de uma unidade linguística própria, cujo etnônimo é comumente atribuído à expressão Wa Arao, "Povo das Canoas" ou "Navegantes", referência aos habitantes do litoral caribenho conhecidos por suas proficiências na manipulação de canoas e na atividade pesqueira (Santos; Ortolan; Silva, 2018).

A mobilidade dos Warao não pode ser compreendida como simples movimentação física no espaço; ela constitui, antes, um modo de vida e uma forma específica de habitar o território. Para esses grupos, deslocar-se significa atualizar vínculos cosmológicos, parentais e ecológicos que estruturam sua existência coletiva. Assim, a mobilidade é, ao mesmo tempo, prática cultural, estratégia de sobrevivência e relação ontológica com a paisagem, articulando o domínio ambiental — fluxo de rios, ciclos sazonais, disponibilidade de recursos — ao domínio simbólico das narrativas míticas e da memória ancestral (Heinen, 1988; Wilbert, 1993).

Registros arqueológicos indicam que a etnia já demonstrava notáveis atividades de deslocamento cerca de 1200 anos antes da era comum (AeC) (Allaire, 1997), com um processo de ocupação do delta do rio Orinoco que se estende por mais de oito mil anos (Allaire, 1997; Dias, 2023). Essa longa jornada histórica reforça a

compreensão da mobilidade como elemento culturalmente significativo e estruturante do modo de vida Warao. Contudo, é necessário distinguir entre a mobilidade como prática cultural historicamente enraizada e o deslocamento forçado decorrente de pressões socioeconômicas e políticas contemporâneas. A literatura antropológica sobre territorialidade indígena na Amazônia (Alexiades; Peluso, 2015) aponta que a mobilidade é um traço compartilhado por diversos povos amazônicos, não sendo exclusividade dos Warao. O que distingue a experiência Warao contemporânea é a articulação entre essa tradição de mobilidade e as condições de vulnerabilidade política e econômica que transformaram o deslocamento cultural em migração forçada, evitando-se assim tanto a naturalização da mobilidade quanto a culturalização do deslocamento compulsório (García-Castro, 2006).

Nesse contexto de mobilidade, os Warao elaboraram e aprimoraram meticulosamente metodologias para a preservação de sua cultura, cosmologia e sistemas de parentesco. Essas estratégias foram cuidadosamente moldadas através de transmissão de saberes, nos quais desempenham um papel de destaque na autoafirmação da coletividade perante as diversas dinâmicas de mobilidade e encontros étnicos que permearam sua história.

É fundamental ressaltar que a oralidade assume um papel central na manutenção da identidade Warao. Mediante as narrativas, histórias, crenças e tradições transmitidas por meio das expressões idiomáticas, conseguem preservar elementos essenciais de sua cultura, mesmo em contextos desafiadores, como migrações e interações com outros grupos (Wilbert, 1993; Lima, 2012).

A coletividade e a comunidade são princípios intrínsecos à vida cotidiana dos Warao, inclusive durante seus processos de deslocamento. Dessa forma, identificou-se que, em contraste com muitas outras culturas, os grupos raramente empreendem viagens individuais.

> Os Warao não viajam sozinhos. Tanto as redes de parentesco como os grupos formados ao longo do caminho são de fundamental importância para suas estratégias de fixação e mobilidade, enquanto população indígena transeunte em busca de sustentabilidade num novo contexto. Analiticamente, é importante considerar a mobilidade Warao como característica cultural da etnia enquanto estratégia social e econômica que promove a circulação não apenas de mercadoria, mas, sobretudo de suas relações pessoais fundamentais na definição de papéis sociais e políticos na sociedade Warao (SANTOS, Ortolan, Silva, 2018, p.8).[3]

[3] SANTOS, Sandro Martins de Almeida; ORTOLAN, Maria Helena; SILVA, Sidney Antônio da. **"Índios imigrantes" ou "imigrantes índios"?** Os Warao no Brasil e a necessidade de políticas migratórias indigenistas. Em: http://www.31rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublico. Acessado em 11/12/2019. scientifiques, 2011. p.210-20.

Nesse processo, a prática de deslocamento em grupo é profundamente enraizada em sua mitologia, sendo uma expressão eloquente da solidariedade e interdependência que caracterizam sua sociedade, como exemplificado pelo "Mito do Primeiro Warao" (Wilbert, 1993). Ao optarem pela coletividade em suas jornadas, a etnia empreende uma prática que transcende a simples movimentação física, ao passo que compartilha experiências e recursos no contexto da mobilidade, desempenhando um papel fundamental ao garantir a segurança e o bem-estar mútuo durante suas incursões pela Amazônia (Heinen, 1988; Alexiades; Peluso, 2015).

No trajeto de mobilidade dos Warao, os territórios tradicionais metamorfoseiam-se em estados efêmeros, fomentando o surgimento de novos modos de ocupação e adaptação (Alexiades; Peluso, 2015). Essa característica é habilmente cultivada pela prática arraigada dos Warao de viajar em unidades familiares ou confederações clânicas (Heinen, 1988). Tal abordagem permite uma ampla difusão de informações e o aprimoramento constante dos mecanismos de preservação biocultural, amoldando-se aos desafios inerentes a diferentes ambientes e dinâmicas de interação (Dias, 2023). Neste interim, a mobilidade Warao na Amazônia sofreu uma transformação de grande envergadura: alguns grupos, a partir do ano de 2014, embarcaram em um novo capítulo de seu percurso, estabelecendo-se em distintas regiões, inclusive no Brasil.

> Os deslocamentos dos Warao para o Brasil ocorrem por motivações diversas, entre elas, precárias condições de permanência em seus territórios tradicionais na Venezuela, situação econômica dos indígenas no contexto urbano daquele país, deteriorada ainda mais pela crise nacional venezuelana, falta de segurança alimentar, falta de assistência médica, educacional, etc., (Santos, Ortolan, Silva, 2018. p.06).[4]

Esse desdobramento assinala um ponto de virada significativo na história contemporânea da etnia, sublinhando sua habilidade de se adaptar e dialogar com contextos geográficos e sociais diversificados. Essas nuances de mobilidade coletiva, transformação territorial e adaptação histórica atestam a profundidade do engajamento dos Warao com a mobilidade e um fenômeno cultural e social em constante mutação.

Nesse contexto de reconfiguração, os grupos adotaram estratégias de enraizamento em aglomerados urbanos, movimento motivado pela busca de recursos

[4] Ibid. Idem.

essenciais, oportunidades laborais e/ou fontes de renda. Esse reposicionamento assinala uma encruzilhada significativa para a etnia, considerando a transição de um estilo de vida enraizado na mobilidade em territórios de perfil hidrográfico, para um modo de vida mais estacionário nas metrópoles, a qual, inevitavelmente, conduz dinâmicas culturais, sociais e econômicas inéditas.

> De cada dez indígenas, sete vivem em zonas urbanas, números que revelam uma significativa presença Warao em contextos urbanos. Estima-se que a população Warao atualmente gire em torno de 49 mil pessoas, sendo a segunda maior população indígena da Venezuela (Ramos *et al*, 2017, p. 03).[5]

Na busca por meios de subsistência em contextos urbanos, os Warao se depararam com a necessidade de adaptação a uma realidade culturalmente distinta, enfrentando desafios relacionados às barreiras linguísticas e à integração em um ambiente urbano. Essas necessidades emergentes impeliram a uma transformação profunda nas dinâmicas de mobilidade do grupo. O que outrora estava intrinsecamente ligado a aspectos míticos e cosmológicos, nos quais o território servia como palco para a atualização de mitos, metamorfoseou-se em uma questão vital para a sobrevivência da etnia. Tal transição dialoga com análises da literatura antropológica sobre urbanização indígena na Amazônia (Alexiades; Peluso, 2015), bem como com estudos específicos sobre a presença Warao em centros urbanos venezuelanos (García-Castro, 2006), que destacam como a mobilidade indígena contemporânea articula territorialidade tradicional e estratégias econômicas urbanas. Essa transição substancial reflete como a mobilidade, anteriormente situada nos territórios tradicionais, evoluiu para um tipo de subsistência baseada na coleta e em atividades econômicas nos centros urbanos — como a venda de artesanato e a busca por moradia —, gerando um padrão de mobilidade pendular caracterizado por retornos frequentes aos territórios tradicionais onde ainda se mantêm conexões familiares.

Essa mudança na mobilidade impregnada de aspectos simbólicos e espirituais para uma mobilidade pragmática, voltada para a subsistência, evidencia as adaptações que os Warao enfrentam diante do processo de urbanização e das novas demandas socioeconômicas. A busca por recursos essenciais e oportunidades de emprego nas cidades emergiu como uma estratégia vital para a subsistência do coletivo, mesmo que

---

[5] RAMOS, Luciana; BOTELHO, Emília e TARRAGÓ, Eduardo. 2017. **Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima**. Parecer Técnico No 208/2017/SEAP/6aCCR/PFDC. Brasília: Procuradoria Geral da República.

isso exija deslocamentos regulares entre os centros urbanos e suas áreas tradicionais de origem.

Nesse contexto, a mobilidade dos Warao na região amazônica se diferencia das migrações de cidadãos venezuelanos tradicionais vinculados ao Estado-Nação. Sua identidade é esculpida por fatores fluídos relacionados a uma tradição passada que transcendem a perspectiva nacionalista, indo além de definições estritamente subjetivas. Uma compreensão plena da identidade Warao requer uma abordagem que se baseie na visão ameríndia, valorizando as expressões linguísticas, narrativas mitológicas, cosmológicas e coletivas que tecem sua identidade cultural.

Ao contrário do conceito de identidade estritamente ligado a limites políticos e culturais delineados por Estados, a identidade Warao é caracterizada por sua fluidez e por profundas relações de parentesco, território e comunidade, nas quais a mobilidade pela Amazônia reinventa os territórios e subverte o conceito de nação, enfatizando uma identidade que transcende dimensões político-estatais (Bhabha, 1998; Alexiades; Peluso, 2015). Esse modo fluido de pertencimento dialoga com formulações antropológicas que problematizam a relação entre identidade, território e Estado-nação, sobretudo em contextos de mobilidade indígena transfronteiriça (Santos; Ortolan; Silva, 2018), nos quais as fronteiras geopolíticas não correspondem às territorialidades efetivamente vivenciadas pelos povos originários.

Portanto, uma compreensão abrangente da identidade dessa etnia demanda uma abordagem que considere suas cosmovisões, tradições orais, práticas culturais e perspectivas ontológicas. Ao examinar suas expressões linguísticas e narrativas, é possível apreender a riqueza e a diversidade cultural do grupo, propiciando uma sensibilidade e respeito mais agudos em relação às suas necessidades particulares.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo central analisar o processo de mobilidade dos grupos Warao em contextos urbanos na Amazônia paraense, com ênfase na transmissão de saberes como estratégia de preservação identitária. Especificamente, busca-se: (a) compreender como a mobilidade impacta as formas de organização social e as práticas culturais dos Warao em contextos urbanos; (b) mapear os saberes tradicionais transmitidos no interior da comunidade e seus agentes de transmissão; (c) identificar as tipologias de grupos Warao em mobilidade pela Amazônia e suas estratégias de adaptação. A questão central que orientou esta investigação foi formulada da seguinte maneira: de que forma os Warao, em processo de mobilidade na Amazônia brasileira, reorganizam suas estruturas sociais e

ressignificam seus saberes tradicionais para assegurar a continuidade identitária e a coesão comunitária no contexto urbano?

O presente artigo organiza-se da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a metodologia adotada, seguida pela descrição dos procedimentos de análise dos dados. A seção de resultados e discussão está estruturada em quatro subseções: a contextualização da migração Warao, o cenário brasileiro, as características gerais do grupo e a sócio-organização Warao com o mapeamento dos saberes. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições do estudo e apontam limitações e possibilidades de investigações futuras.

2.Procedimento metodológico

A metodologia adotada neste estudo segue uma abordagem primordialmente qualitativa e interpretativa, de caráter hermenêutico, centrada na compreensão dos significados culturais que emergem das práticas e narrativas dos sujeitos investigados. O objetivo é refletir sobre o conjunto de informações contidas no objeto de estudo observado (Gil, 2002, p. 56)[6], em que o método de coleta de dados escolhido fora o etnográfico, no qual, sempre que possível, foi empregado para apresentar os elementos que exercem influência na situação que constitui o foco da pesquisa (Gil, 2002, p. 56).[7]

Para alcançar esse propósito, a coleta de dados foi realizada entre 2020 e 2022, por meio de uma abordagem qualitativa de estudo de caso etnográfico, com o intuito de compreender o processo de mobilidade da etnia Warao, a importância das expressões idiomáticas no contexto do deslocamento, a transmissão de saberes, os comportamentos e as interações. Foram realizadas doze entrevistas, distribuídas em sessões recorrentes ao longo do período, sendo nove com o Aidamo Valentin Perez — porta-voz reconhecido do grupo familiar — e três com outros integrantes da comunidade instalada no abrigo municipal: a esposa do Aidamo e dois adultos jovens responsáveis por atividades de artesanato e de tradução intracomunitária. O critério de seleção dos interlocutores seguiu o que prescreve o Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao em Belém do Pará (2020), que define a liderança do Aidamo como representante legítimo do grupo familiar em interlocução externa, conjugando-se essa indicação à acessibilidade linguística e à disponibilidade dos demais participantes. As entrevistas

[6] GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
[7] Ibid. Idem.

foram conduzidas predominantemente em espanhol, com auxílio de tradução quando necessário, dado que o Aidamo Valentin possui domínio dessa língua como idioma de contato. A combinação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas justifica-se pela necessidade de, por um lado, garantir a cobertura de tópicos específicos previamente definidos e, por outro, permitir a emergência de temas não antecipados pelo pesquisador, valorizando a perspectiva do interlocutor.

A seleção do colaborador para participar do estudo considerou a liderança do *Aidamo*[8] Warao, Sr. Valentim Perez como porta-voz de sua família. O *Aidamo* Valentin é chefe de uma família de pouco mais de 15 pessoas que atualmente moram no abrigo municipal. Sua chegada na cidade foi em 2018, depois de uma viagem de mais de dez dias, passando por estradas e rios, como ele mesmo relata:

> Eu cheguei vindo da Venezuela, uma noite vindo da Venezuela, cheguei ao terminal Santa Helena. No outro dia, cheguei em Pacaraima, em outro dia cheguei em Manaus, de Manaus peguei um barco, cinco dias e cinco noites de Manaus para chegar aqui em Belém de barco. Assim que eu vim.[9]

O *Aidamo* Valentin é uma peça central para esse estudo, não somente pelo status de liderança, mas por ser uma pessoa que tem vivido os aspectos de transição dos hábitos ameríndios para uma postura urbana. O motivo de sua vinda para Belém se deu por conta da dificuldade de sobrevivência na Venezuela, oriunda da crise econômica que atingiu o país nos últimos anos. Questões como acesso à saúde, emprego, renda e alimentação foram os principais fatores que fizeram a comunidade liderada pelo *Aidamo* saírem de seus territórios em busca de melhores condições de vida.

A escolha do interlocutor principal e a forma de aproximação com a comunidade foram fundamentadas no Protocolo de Consulta Prévia do Povo Warao em Belém do Pará (2020). O documento estabelece que a interlocução com agentes externos deve passar por representantes indicados por cada grupo familiar em processo migratório, sendo essa diretriz a base metodológica para a definição do Aidamo Valentin Perez como porta-voz da pesquisa e para o respeito aos princípios da consulta

[8] Entre os Warao, o termo aidamo designa a figura de liderança no interior do grupo familiar - alguém que exerce autoridade social e política sobre a comunidade. Trata-se, via de regra, de um ancião cuja respeitabilidade se construiu ao longo do tempo e que assume a função de organizar a vida coletiva e orientar os rumos do grupo. Mais do que um líder em sentido estritamente administrativo, o aidamo opera como referência simbólica: uma espécie de espelho no qual as gerações seguintes reconhecem seus vínculos com a tradição e as raízes culturais do povo.
[9] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.

coletiva. Nesse sentido, o trecho a seguir orientou os procedimentos éticos e o delineamento dos contatos no campo:

> devemos participar da consulta de forma coletiva, quando necessária e emergencial, através de nossos representantes que devem ser indicados por cada grupo familiar que se encontre em processo migratório e que esteja presente na cidade de (Belém/PA). Nossos representantes serão responsáveis por nos comunicar as decisões e os acordos feitos nas reuniões com o governo ou com a organização consultante para tratar das principais necessidades ue afetam as nossas famílias, tais como nas áreas de abrigamento, assistência humanitária, educação, trabalho, saúde em geral e outras que possam ser de nosso interesse. (Protocolo de consulta prévia do povo Warao em Belém do Pará , 2020, p. 23).[10]

A abordagem priorizou o respeito aos valores culturais e aos princípios da consulta prévia, reconhecendo a importância de uma relação de confiança e diálogo com a liderança da etnia durante o processo de pesquisa.

A quarta etapa consistiu no estabelecimento de contato com os participantes — o Aidamo Valentin Perez, sua esposa e dois adultos jovens da comunidade —, ocasião em que se explicaram os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e se obteve, de cada participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com as diretrizes éticas vigentes para pesquisas com seres humanos. Em seguida, as etapas cinco e seis compreenderam observação participante e a aplicação das entrevistas estruturadas e semiestruturadas mencionadas anteriormente. Ao adotar essa abordagem, pretendeu-se oferecer um entendimento mais aprofundado do fenômeno da mobilidade dos Warao, bem como da importância das expressões idiomáticas no contexto de sua cultura em constante transformação.

2.1 Análise dos dados

A análise dos dados consistiu em um processo reflexivo e interativo voltado para a identificação de padrões, temas e significados culturais emergentes, fundamentados no material observado (GIL, 2000, p, 43)[11]. Nesse contexto, a análise qualitativa engloba a categorização, interpretação e codificação das variáveis subjacentes.

[10] Ibid. Idem.
[11] Ibid. Idem.

As etapas empreendidas na análise foram as seguintes: 1) Organização dos dados: seleção e agrupamento das informações coletadas nas entrevistas; 2) Transcrição das gravações; 3) Sistematização das notas de campo; 4) Codificação dos dados: nessa fase, empregou-se como ferramenta auxiliar o software de análise qualitativa MAXQDA v.2023, utilizado para organizar e sistematizar os dados, facilitando a identificação das unidades de significado presentes nos textos transcritos e nas notas de campo — sem substituir a análise hermenêutica conduzida pelo pesquisador; 5) Categorização: a partir do material empírico, foram construídas, de modo indutivo, três conjuntos analíticos articulados entre si. O primeiro conjunto refere-se às categorizações identitárias de grupos em mobilidade (Tabela 1), produzidas a partir da recorrência, nas falas e observações, de dois modos distintos de inserção urbana: grupos que mantêm núcleo familiar coeso sob a liderança do Aidamo e grupos que se rearranjam em novas configurações no espaço urbano. O segundo conjunto compreende as tipologias da mobilidade Warao pela Amazônia (Tabela 2), elaboradas a partir da identificação de seis padrões de deslocamento mencionados reiteradamente pelos interlocutores — pendulares, sazonais, definitivos, circunstanciais, intraurbanos e de retorno —, cuja distinção foi feita com base nas motivações declaradas, na duração e nos vínculos com o território de origem. O terceiro conjunto constitui o mapeamento dos saberes Warao em contexto de mobilidade (Tabela 3), construído a partir da análise temática das narrativas do Aidamo Valentin e dos demais interlocutores, na qual se identificaram nove tipos de saberes recorrentes — entre os quais se destacam os saberes da memória, da narração, da economia, das leis étnicas, do artesanato e dos tabus alimentares —, sendo eles articulados, em um segundo momento, com o referencial teórico sobre mobilidade indígena e bioculturalidade. Em todos os conjuntos, o critério de distinção adotado foi a recorrência temática e a coerência interna entre as falas e as observações de campo, buscando-se preservar o sentido atribuído pelos próprios interlocutores.

Através desse processo de análise, almejou-se discernir insights profundos a partir dos dados coletados, desvelando os padrões subjacentes, as tendências recorrentes e os temas preeminentes que emergem das narrativas e observações. Esse enfoque analítico possibilitou uma compreensão rica e contextualizada do fenômeno da mobilidade dos Warao, elucidando as dimensões culturais e sociais que permeiam sua experiência.

3.Resultados e Discussão

3.1 Os Warao

Antes de apresentar os resultados propriamente empíricos da pesquisa, faz-se necessário retomar elementos contextuais sobre o povo Warao, sua localização tradicional e os processos históricos que antecederam o atual cenário de deslocamento, de modo a situar a análise.

Os ameríndios que estão no Brasil são em suma 87% residentes de áreas rurais dos municípios de Antônio Díaz e Pedernales (ACNUR, 2021).[12] Estudos antropológicos apontam que os Warao representam o grupo mais antigo do país, habitando o delta do rio Orinoco (em warao Wirinoko = Wiri "onde remamos" / Noko = "Lugar") há pelo menos oito mil anos.

Há um maior adensamento étnico na região do Delta Amacuro (Zona utópica para onde se volta toda a cosmologia dos Warao), Cumaná, Sucre, Antônio Díaz, Pedernales e por parte do estado de Monagas, nos *caños* (braços de rio) (Venezuela), sendo possível mapear três aspectos de ocupação da etnia: de adensamento geográfico – o que se refere ao processo de deslocamento, interiorização e ocupação na Amazônia; narrativo – quando a mobilidade é justificada e impulsionada em sua cosmologia ameríndia; e de densidade étnica – quando a própria mobilidade e ocupação demanda a manutenção das estruturas clânicas e familiares para a sobrevivência e demarcação do espaço.

3.1.1 Contextualização da Migração

Os problemas políticos e econômicos da Venezuela levaram "o país vizinho a viver a maior recessão de sua história: são 12 trimestres seguidos de retração econômica, segundo anunciou em julho a Assembleia Nacional" (BBC NEWS, 2019).[13] Essa situação provocou uma desestabilização generalizada nas camadas da sociedade. Faltavam mantimentos básicos, a violência aumentou, a fome abateu todas as classes, provocando um êxodo em massa de venezuelanos e ameríndios para os países vizinhos Só "em novembro, a ONU informou que três milhões de venezuelanos deixaram o país

[12] ACNUR. Auto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Os Warao no Brasil: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. 2021.
[13] CRISE NA VENEZUELA: O QUE LEVOU O PAÍS VIZINHO AO COLAPSO ECONÔMICO E À MAIOR CRISE DE SUA HISTÓRIA. **BBC NEWS**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/24/crise-na-venezuela-o-que-levou-o-pais-vizinho-ao-colapso-economico-e-a-maior-crise-de-sua-historia.ghtml>. Acesso em: 11 de Jan. de 2023.

nos últimos anos" (BBC NEWS, 2019).[14] Na fronteira entre Pacaraima e Roraima existiam "filas enormes de venezuelanos solicitando vistos no posto da Polícia Federal, famílias acampadas em locais públicos e um movimentado comércio de alimentos direcionado ao país vizinho" (Franklin, 2017, p. 1).[15]

Imigrações internas começaram a ocorrer pelas principais cidades a fim de que se pudesse encontrar mantimentos e empregos. Com o deslocamento em alta, os Warao, em busca de um comércio estável para a venda e troca de seus produtos naturais e artesanato, começam a migrar para diversas cidades venezuelanas, a fim de manter a subsistência da comunidade e de seus nichos familiares.

A escassez de políticas e projetos que pensassem as questões indigenistas e ampliasse as discussões para os direitos das populações tradicionais (como os Warao) fizeram com que estas comunidades acabassem marginalizadas ao ponto de que se configurassem pela falta "de acesso aos seus territórios e aos recursos naturais necessários à sobrevivência e à garantia de perspectiva de futuro no contexto de vida coletiva, conforme seus usos, costumes e tradições" (OIM 2018, p.23)[16], assim, a etnia passou a ocupar uma posição de marginalização multidimensional na sociedade venezuelana — marginalização esta que se manifesta nas dimensões econômica (ausência de políticas de sustento), territorial (perda de acesso a territórios tradicionais), jurídica (inexistência de marcos legais adequados) e simbólica (invisibilidade nas políticas públicas). É fundamental distinguir que essa marginalização não decorre exclusivamente da crise recente, mas resulta de processos históricos de exclusão estrutural enfrentados por povos indígenas na Venezuela, agravados pelo colapso socioeconômico contemporâneo.

Era imprescindível solucionar a questão indigenista nos centros urbanos da Venezuela, e isso de alguma forma exigiria uma política pública de preservação dos modos de vida e das culturas dos povos tradicionais residentes no país. De certo, uma reforma agrária que fiscalizasse o agronegócio venezuelano e um sistema assistencialista que fornecesse saúde, educação e trabalho, além de considerar as identidades dos povos indígenas fossem as práticas emergenciais, que a longo prazo, apresentariam uma resposta substancial aos fluxos para as grandes cidades. No entanto,

---

[14] Ibid. Idem.
[15] FRANKLIN, C. B. **A crise na Venezuela e os desdobramentos para o Brasil**. Fomerco**.** Salvador: UFBA, 2017. pag. 1-14.
[16] ASPECTOS JURÍDICOS DA ATENÇÃO AOS INDÍGENAS MIGRANTES DA VENEZUELA PARA O BRASIL. BRASÍLIA: **Organização Internacional para as Migrações (OIM)**, 2018. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/BRL-OIM%2520004.pdf. Acesso em: 11 Jan. 2023.

os cuidados governamentais que tangenciassem as questões não foram desenvolvidas no âmbito das políticas de governo, fazendo com que a imigração se acentuasse ao longo dos últimos anos.

> A migração indígena incorpora [ou incorporou] fatores como situações de conflito e pressões sobre suas terras e recursos, mas também a limitada oferta de oportunidades de estudo e trabalho, bem como de acesso a bens e serviços. Esses fatores aproximam dos centros urbanos alguns povos, parcelas de povos indígenas ou famílias e indivíduos, num fluxo migratório que não é nem transfronteiriço, na definição mais estrita do termo, nem convencional no sentido de demandar soluções diferenciadas de médio e longo prazo (OIM 2018, p.23).[17]

Não obstante, faz-se necessário pontuar que as imigrações Warao aconteceram em dois ciclos de deslocamentos distintos, a saber: 1) para os centros venezuelanos; 2) movimentos de saídas internacionais. Ambos tiveram fatores comuns, as quais as saídas de seus territórios se deram pelo avanço das madeireiras, palmiteiras, mineradoras nas regiões dos *caños*, de empreendimentos estatais desastrosos do ponto de vista ambiental e cultural que impossibilitaram suas plantações.

Esse complexo cenário econômico atingiu fortemente a etnia, a qual passou a entrar no Brasil nos últimos anos diante da inexistência de políticas de preservação das comunidades indígenas venezuelanas e da escassez de políticas públicas humanitárias que atendessem suas necessidades, levando-os a uma imigração para os territórios brasileiros (principalmente para a região norte do país), onde as autoridades de estado foram forçadas a buscarem mecanismos de compreensão do fenômeno.

Segundo o relatório da Organização Internacional de Imigração, os órgãos públicos procuraram o "tratamento adequado, não discriminatório, nem assimilacionista a esses migrantes, bem como o respaldo legal para as ações do Estado em atendimento aos indígenas migrantes" (OIM, 2018, p. 16).[18] Dessa forma, o Brasil visou compreender a imigração venezuelana indígena a partir dos aspectos políticos, culturais, econômicos e sociais que resultaram na saída desses grupos em busca de melhores condições de vida.

Percebe-se que o maior fator para o deslocamento em massa de populações ameríndias é o atrito entre o estado armado e os ideais míticos para a sobrevivência e manutenção de seus modos de vida. O que ocorre com os Warao é não só um deslocamento de grupos inteiros em busca dessas melhorias que venham garantir

[17] Ibid. Idem.
[18] Ibid. Idem.

condições de sobrevivência e existência, mas uma mudança substancial nos modos relacionais internos que constituem suas identidades, fazendo com que eles se mantenham por mecanismos que mesclam os modos de vida étnicos com a resistência em zonas urbanas.

3.1.2 Contextualização Brasileira

O contexto de deslocamento dos grupos Warao para o Brasil assume um papel de "entre-lugar" — conceito que aqui se inspira na formulação de Homi Bhabha (1998), para quem os espaços intersticiais constituem terrenos de elaboração de estratégias de subjetividade e identidade que escapam às polaridades binárias. No caso Warao, esse entre-lugar configura-se na condição de estar em um país estrangeiro e, simultaneamente, transitar por territórios que são, do ponto de vista cosmo-ontológico, territórios tradicionais. Desta forma, os Warao não estão fora, mas dentro de um território ancestral e tradicional, no qual a lógica sistemática da migração não dá conta de compreender o fenômeno de mobilidade, tese sustentada até agora.

Essa relação com o espaço brasileiro desvela o conflito existencial-político e geográfico no qual a cultura Warao persiste, apesar das ramificações de um movimento espacial de desterritorialização. A esse respeito, a mobilidade desses grupos e sua adaptação às áreas urbanas desencadeiam uma transformação de escala tão significativa que não apenas põe em xeque suas formas de existência, mas também os coloca em estado de vulnerabilidade.

De modo geral, a chegada dos Warao no Brasil ocorre de maneira fluida através de Roraima, resultando em um notável aumento populacional nas cidades e municípios do Acre. A falta de recursos e assistência adequada para esses grupos em situação de risco leva a uma vulnerabilidade que é moldada pela interação complexa de fatores e circunstâncias, aumentando a exposição a violência, exploração, abuso e violações de direitos individuais e coletivos (OIM, 2018, p. 25).[19]

Essa vulnerabilidade é resultado de uma escassez de políticas públicas mais efetivas no Estado Brasileiro, o que coloca os grupos Warao, com frequência, em processos de mobilidade por todo o Brasil. As dificuldades em relação à educação, emprego, moradia obtenção de recursos financeiros e acolhimento em abrigos,

[19] Ibid. Idem.

evidenciam que a mobilidade desses grupos para os centros urbanos precisa ser compreendida como um fenômeno de pressão sobre suas terras e recursos, à medida que as dificuldades de subsistência se intensificam, principalmente relacionadas à alimentação, o que os leva a atravessarem Pacaraima, Manaus até chegar no Estado do Pará, como nos relata o *Aidamo* Valentin Perez:

> [...] Bom, bem, viemos à Belém porquê? Como te disse antes: por causa da fome! Se nós não tivéssemos fome não vínhamos para Belém, lá falta trabalho, não tem dinheiro. Como vamos fazer se lá não tem nada? Lá já passamos um dia, dois dias sem comer, por que lá não tem nada! Não há comida, não há dinheiro para comprar comida, e por isso viemos para cá.[20]

Esses fatores, juntamente com outros elementos, representam uma séria ameaça à sobrevivência desses povos, considerando que essa situação envolve uma "questão complexa de enfrentamento das violações de direitos dos indígenas em contextos urbanos, um tema frequentemente negligenciado, apesar de sua crescente relevância" (OIM, 2018, p. 27).[21] Diante do descaso e da marginalização, esses grupos se veem compelidos a ocupar espaços periféricos, configurando uma marginalização que opera simultaneamente nas dimensões territorial (ocupação de áreas de alta vulnerabilidade), econômica (ausência de fontes de renda formais) e simbólica (invisibilidade e estigmatização social).

As primeiras notícias da presença da etnia Warao na capital do Pará datam da quarta-feira, 10 de outubro, após um forte temporal, fenômeno comum nas tardes da região. Essa primeira comunidade foi avistada nas áreas próximas ao Ver-o-Peso, conforme relatado pelo portal G1 Pará:

> Um temporal atingia o centro de Belém no final da tarde de quarta-feira da semana passada. Um grupo de 44 índios venezuelanos se juntou à multidão de brasileiros para se abrigar embaixo das barracas do Ver-o-Peso, tradicional mercado de rua da capital do Pará. A cena tem se tornado frequente no Norte: indígenas do país vizinho estão ocupando as ruas das principais cidades da região, muitas vezes em áreas de alta vulnerabilidade social, como pontos de tráfico de drogas e de prostituição (G1 PARÁ, 2017. p.1).[22]

---

[20] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.
[21] Ibid. Idem.
[22] ÍNDIOS VENEZUELANOS SE ESPALHAM PELO NORTE E AUTORIDADES SUSPEITAM DE EXPLORAÇÃO POR BRASILEIROS. **G1 Pará**, 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/indios-venezuelanos-se-espalham-pelo-norte-e-autoridades-suspeitam-de-exploracao-por-brasileiros.ghtml. Acesso em: 11 de Jan. de 2023.

No entanto, ressalta-se que esses não são os primeiros Warao a chegarem a Belém, uma vez que a entrada desses grupos na capital já é perceptível no ano de 2014 (Dias, 2023)[23], o que é corroborado pelo relato da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2018)[28], nos levando a inferir que a aparição dos Warao em 2017 no Ver-o-Peso, conforme relata a matéria, não pode ser considerada como a primeira aparição dos Warao na Capital do Estado.

Ao considerar o cenário da mobilidade e a entrada dos Warao pela região norte do Brasil, é pertinente apontar que, com a chegada desses grupos a Belém, surge a possibilidade de conceber estratégias para recepção e orientação jurídica especifica, alinhadas aos deveres do município em relação aos Warao. No entanto, as estratégias efetivamente implementadas são insuficientes para lidar com o atual volume ameríndio que chegam à capital, resultando em uma assistência frágil e que não dá conta de abarcar a complexidade das questões de mobilidade da etnia, refletindo em "desafios específicos e estruturais, inclusive no que se refere à direção de atendimento diferenciado, quando se trata da gestão desse fluxo" (OIM, 2018, p. 28).[24]

À medida que a jornada e a mobilidade dessas comunidades se intensificam, como observado nas rotas Manaus-Belém, também se tornam mais desafiadoras as dificuldades e preocupações relacionadas à transmissão dos saberes para os jovens que vivem nesses trânsitos. A isso decorre uma ressignificação das experiências, ao passo que a comunidade desempenha um papel crucial nesse processo, atuando como guardiões e transmissores dos saberes tradicionais, uma vez que estes “temem pelo ‘esquecimento’ da cultura Warao por parte das crianças que estão no Brasil, pois o não aprendizado da língua materna poderia ser um fator de ‘assimilação’ dessas crianças em terras brasileiras” (Santos, Ortolan, Silva, 2018, P.05).[25]

3.2 Aspectos contextuais do grupo Warao em mobilidade

O período em que esses grupos permanecem em espaços urbanos acarreta desafios para a preservação de sua identidade cultural, uma vez que estão expostos a adversidades de naturezas distintas que é preciso diferenciar: (a) vulnerabilidades

[23] DIAS, Walison Almeida. **Tradições Bioculturais em Circunstâncias Migratórias: Um Estudo de Caso com os Ameríndios Warao na Cidade de Belém, Pará**. [Dissertação]. Mestrado em Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR). Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, 2023.
[24] Ibid. Idem.
[25] Ibid. Idem.

históricas já enfrentadas em seus territórios tradicionais, como a pressão do agronegócio e a falta de políticas indigenistas; (b) os efeitos específicos da crise econômica venezuelana, que intensificaram a insegurança alimentar e a precariedade de serviços básicos; e (c) os desafios próprios da inserção em contextos urbanos brasileiros, como barreiras linguísticas, discriminação e ausência de políticas públicas adequadas. Essas camadas sobrepostas de vulnerabilidade resultam na formulação de estratégias de proteção coletiva, levando em conta as complexidades da vida na cidade. A etnia é levada a adotar uma postura de resistência e resiliência para assegurar sua permanência em ambientes urbanos de interação com outros grupos.

> Mas graças que chegamos aqui, já estamos melhorando de corpo e da fome. Nós chegamos aqui com o corpo fraco, não levantamos de tanta fome, agora já temos forças já! Graças! (...) Viemos também para cá por que queremos trabalhar, porque na Venezuela não há trabalho para nós. E é por isso que os Warao está aqui, pela fome do menino e da menina, fome (...) eles choram de fome! E é por isso tudo que nós Warao viemos pra cá. Para arrumar algo que comer (...) aqui comemos bem, a gente [Belém] nos dar comida.[26]

Ao chegarem a esses locais, os Warao interagem com a paisagem urbana, e essa interação muitas vezes permite a identificação de sua etnia e sua situação de vulnerabilidade. Através de suas linguagens, torna-se possível reconhecer elementos distintivos que denotam sua origem étnica e as complexas condições que enfrentam.

Para evitar que a língua se transforme em uma barreira que comprometa a transmissão de saberes, a prática da rememoração e das narrativas ontológicas da etnia acabam se tornando uma ação educativa e normatizadora dos comportamentos do grupo nas cidades. Essa prática é vista como essencial para a preservação da comunidade, representando uma tentativa de manter as características da cultura Warao e desempenha um papel vital ao reforçar as relações hierárquicas e ao nutrir os modos de vida dos mesmos.

> Eu tenho que falar isso para as crianças para que elas também possam saber. Se eu não falar isso para meus netos, isso mostra também que eu não sei. Se eles não disserem nossas histórias, mostra que eu não ensinei. Se eu não educo, eles vão pra cá e pra lá, rouba, fala mal da sua família, rouba sua família, porque não foi educado. Assim, desse jeito aí, se comporta um louco![27]

[26] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.
[27] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.

O processo educativo na relação do *Aidamo* com a comunidade mediante as narrativas não se restringe apenas ao fortalecimento dos laços culturais, mas busca, principalmente, redefinir a importância dos espaços onde as relações do grupo são formadas, no qual, essas narrativas têm o propósito de mitigar os impactos socioemocionais gerados pelo deslocamento do grupo e pela saída de seus territórios de origem.

As práticas de transmissão de saberes que emergem nesses contextos estão direcionadas, de certa forma, para o enfrentamento da atual situação de marginalização. Um exemplo disso são os conhecimentos relacionados à subsistência básica da comunidade, uma responsabilidade atribuída muitas vezes às mulheres, no qual esses conhecimentos e as formas de aplicá-los são também repassados por elas às gerações mais jovens.

Além da transmissão de saberes, é importante caracterizar o papel do gênero masculino homens na comunidade, uma vez que o mesmo vem sendo reavaliado à medida que as necessidades se tornam mais evidentes. Portanto, entre as responsabilidades dos homens, estão as atividades de trabalho físico, limpeza, cozinha e até mesmo auxiliar as mulheres em suas tarefas de coleta. Isso não invalida o fato de que os homens também buscam oportunidades de emprego para adquirir recursos que possam ser utilizados em benefício da comunidade.

Nesses cenários onde os papéis tradicionais de homens e mulheres se misturam nos contextos urbanos, o *Aidamo* desempenha uma função de extrema importância. Como o mais velho e líder, ele é encarregado de manter as tradições, tornando-se o principal transmissor dentro da comunidade. A ele recai a responsabilidade de ensinar as crianças e cuidar delas enquanto aprendem as tradições nos ambientes urbanos.

> Nós sabemos que vamos se organizar para trabalhar, alguns vão estudar, alguns vão ser artesãos, assim que é (...) para isso eu tenho que organizar (...) as crianças para estudar, alguns para trabalhar, alguns para ser ajudante de vendedor, ajudante de soldador, outros vão estudar.[28]

Considerando o estado de vulnerabilidade, a ênfase na transmissão de saberes torna-se crucial, uma vez que essa preocupação surge como resposta aos esforços em resistir às influências urbanas. A relevância dada às narrativas não se limita à transmissão de saberes e cuidados familiares, mas a uma ação de preservar as memórias e definir os papéis de cada indivíduo na comunidade, com o propósito de proteger suas

[28] PEREZ, Valentin. **Colaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.

identidades em meio às complexidades do contexto de mobilidade. Contudo, é importante considerar a dimensão ambivalente da educação nesses contextos de vulnerabilidade: se, por um lado, a rememoração e a narrativa funcionam como mecanismos de preservação identitária, por outro, as condições materiais de deslocamento — insegurança alimentar, precariedade habitácional e instabilidade geográfica — podem dificultar os próprios processos educativos. A tensão entre o imperativo de transmitir saberes e as condições adversas para essa transmissão revela a complexidade da experiência educativa Warao em contexto urbano.

A forma de transmissão não se configura apenas como um papel desempenhado pelo *Aidamo* em suas diversas relações de poder, mas sim como uma maneira de transmitir valores e normas que guiam as ações do grupo. Nesse contexto, "as narrativas contextualizam uma sequência de ações atribuídas a um determinado tempo e espaço, mostrando que há uma dependência entre os membros do grupo nesse cenário, com o desenvolvimento de situações relacionadas ao passado, presente ou futuro" (Lima, 2012, p.145).[29]

Ao narrar, os papéis e funções sociais são atualizados em uma constante ritualística que atualiza a função social dos mitos. Essa característica não é apenas uma expressão cultural, mas um processo de construção da vida social em uma sociedade complexa que envolve diferentes categorias de sujeitos e grupos.

3.2.1 Resultados da pesquisa de campo: a Socioorganização Warao

No decurso desta pesquisa, tornou-se evidente que os grupos Warao são forjados a partir da adaptação dos elementos materiais que lhe oferecem resistência. Desse modo, os papéis que desempenham dentro da comunidade são ajustados às configurações de ambiente com que passam a interagir. A construção das duas categorias identitárias de grupos em contextos de mobilidade (Tabela 1) decorreu da análise temática das entrevistas e das observações no abrigo: a partir das falas do Aidamo Valentin e dos demais interlocutores, observou-se a recorrência de duas formas distintas de inserção urbana — uma marcada pela manutenção do núcleo familiar coeso sob liderança tradicional, outra caracterizada por rearranjos comunitários nos quais novos arranjos de gênero e de divisão do trabalho se evidenciam. O critério de distinção

[29] LIMA, dos Santos Yleana do Socorro. **Memória e narrativa oral**: duas formas de mediar reflexões sobre práticas de milagre em/de São Benedito, Bragança Pará-Século XX. Boitatá, v. 7, n. 14, p. 144-156, 2012.

foi a maneira como cada grupo articula laços de parentesco, divisão de tarefas e práticas de transmissão de saberes no espaço urbano.

Tabela 1: categorizações identitárias Warao a partir do processo de mobilidade

Variante observável	Descrição
Confederação Clânica	Consiste em aglomerados de pequenas famílias, frequentemente reunidas devido aos deslocamentos em rotas pela região amazônica. Este grupo é caracterizado por possuir um líder carismático que não ostenta o título de *Aidamo*. A(s) liderança(s) muitas vezes surgem de acordos políticos entre as famílias, visando à gestão do território, dos recursos e/ou de questões de interesse para a sobrevivência da comunidade em determinada região.
Grupo Parental	Engloba indivíduos que se integram a uma comunidade por meio de laços de parentesco e casamento. Geralmente, a autoridade centraliza-se na figura do *Aidamo*, uma liderança reconhecida tanto pela unidade familiar quanto pelo governo Venezuelano.

Fonte: Dados do Autor (2022)

Além dessas duas características de auto-organização observáveis, a pesquisa identificou seis (06) tipologias em contextos de mobilidade pela Amazônia (Tabela 2). Tais tipologias foram construídas a partir da análise das trajetórias narradas pelos interlocutores: as falas registradas em entrevista permitiram identificar padrões recorrentes de deslocamento, distintos pela duração da estadia, pelos vínculos com o território de origem, pelas motivações declaradas e pela natureza dos contatos com agentes urbanos. O exemplo do relato do Aidamo sobre o trajeto Venezuela–Pacaraima–Manaus–Belém ilustra a tipologia pendular, enquanto outras falas, mencionando permanência prolongada em Belém, evidenciaram tipologias de fixação urbana.

Tabela 2: Tipologias Warao em contextos de mobilidade pela Amazônia

Tipologia	Descrição
Warao no espaço de abrigamento (Tapanã, Belém, Pará).	Ameríndios que residem no espaço de abrigamento do tapanã. Caracterizam-se por núcleos familiares e confederações clânicas que fazem desse espaço sua moradia, na qual as relações são tecidas em meio as disputas de poder e controles sociais.
Warao em espaços autogerenciados	São grupos Warao que ao chegarem a Belém/PA procuram (ou não) o espaço de abrigamento, e por não encontrarem vagas, sejam por motivos de superlotação ou por não aceitação das comunidades que já habitam no local, acabam, por conta própria, procurando outras habitações, as quais são insalubres à sobrevivência. Esses principais espaços estão situados no bairro da Cidade Velha, Campina, Tapanã, Pratinha e Icoaraci.
Dissidentes das confederações Clânicas	São pequenos núcleos familiares e/ou pessoas que decidem sair da organização clânica e seguir um caminho próprio. Às vezes, esse processo se dá em meio aos conflitos.
Grupos Parentais	São grupos em torno de um mesmo tronco parental e comunitário, no qual se elege uma liderança reconhecida por todo o grupo chamada de "*Aidamo*", no qual desempenha a função de zelar, tomar decisões gerais e cuidar do bem-estar da comunidade. Sob a liderança do

	Aidamo, se organizam, dividem funções e fazem a manutenção dos seus hábitos e costumes - rememorando as formas de viver tais como eram no Delta do Rio Orinoco antes de saírem da Venezuela. São comunidades que fazem constantes esforços de manter suas tradições de acordo com os valores étnicos.
Dissidentes do espaço de abrigamento	São pequenas famílias e/ou sujeitos, que por não concordarem com as políticas internas do espaço de abrigamento, decidem sair e/ou são expulsos do espaço. Esse fenômeno acaba corroborando para o processo de interiorização dos Warao pela capital, de forma que se torna cada vez mais comum avistar pequenos grupos nas principais vias e bairros de Belém.
Grupos em processo de interiorização periférica	São grupos formados por pequenos núcleos familiares que por razões de superlotação do espaço de abrigamento, conflitos com lideranças ou dissidências de grupos clânicos, decidem iniciar um processo de assentamento em áreas urbanas, muitas vezes dentro das periferias, configurando uma interiorização forçada e que coloca em risco seus modos de vida e a sobrevivência do coletivo.

Fonte: Dados do Autor (2022).

As tipologias desenvolvidas no contexto da mobilidade da etnia Warao pela região amazônica foram concebidas para abordar a realidade observada em campo. No que se refere aos saberes mobilizados no processo de deslocamento, foram identificados nove tipos de saberes que permeiam os costumes, hábitos e identidade dos Warao (Tabela 3). Essa categorização resultou da análise temática das narrativas, em especial das histórias contadas pelo Aidamo Valentin sobre o Mito do Primeiro Warao, sobre os tabus alimentares e sobre o trabalho das mulheres e dos jovens. Os critérios de distinção entre os saberes foram a função social desempenhada (educativa, cosmológica, econômica, normativa, estética), a recorrência da menção nas entrevistas e a articulação observada entre fala e prática no cotidiano do grupo no abrigo.

Tabela 3: Mapeamento dos saberes Warao em contexto de mobilidade

Agente do processo de transmissão	Característica dos saberes	descrição
Pai, Mãe, *Aidamo*	Contar Histórias	Orienta as práticas sociais do grupo. Ao remontar a momentos passados, deseja-se nutrir a identidade dos sujeitos, fazendo com que estes se identifiquem com os elementos culturais que os definem.
Mulheres e *Aidamo*	Economia	Orienta as práticas econômicas do grupo Warao. A mulher é vista dentro da comunidade como a provedora dos recursos para a manutenção básica das comunidades.
Aidamo	Leis étnicas	Configura-se como um conjunto de leis morais que orientam o comportamento dos Warao. Tratam-se de normativas que evidenciam as mitologias, relações de parentesco e religiosidades que devem ser observadas para a boa convivência entre os grupos e os núcleos familiares.
Mulheres e *Aidamo*	Artesanato	Trata-se de uma ação grupal entre os Warao, no qual a atividade acaba sendo um momento de conversa, orientação ética e espiritual.
Crianças	Brincadeiras	Configura-se nas práticas cotidianas das crianças. São saberes

		que expressam sua identidade, cultura e as linguagens por elas aprendidas.
Aidamo e Anciãos	Memória/Narrativa	São saberes que se apresentam por meio da lembrança e da narrativa, ao mesmo tempo exige uma ação prática e/ou religiosa por parte do grupo. São sentimentos, estórias ou experiências que reordenam as práticas comunitárias por meio da reflexão narrativa. Este saber é comum para o *Aidamo* e os anciãos da comunidade, figurando pontos de referência para a comunidade, já que os saberes da memória justificam o motivo pelo qual os Warao estão em mobilidade.
Wizirato	Religiosos/Cura	Saberes que referem-se a operacionalização do mundo mágico e dos rituais de cura. O *Wizirato* é o sujeito que transita no mundo espiritual por meio de ritos, rezas e cerimônias.
Aidamo	Alimentação	Os saberes da alimentação dos Warao são permeados de tabus, que se expressam em uma necessidade afirmativa do "verdadeiro Warao". Assim, tratar de alimentação é também refletir um aspecto identitário.
Aidamo	Liderança	Estes saberes dizem respeito aos aspectos da liderança e como ela acontece, compreendendo a importância do *Aidamo*, seus saberes acumulados e experiências, que visam nortear a comunidade. Os saberes da liderança reúnem ainda duas subcategorias: "poder saber" e "poder fazer", na qual o *Aidamo* desempenha funções primordiais de guardião, educador, sábio e etc.

Fonte: Dados do Autor (2022)

Cada saber categorizado no interior da comunidade liderada pelo *Aidamo* Valentin desempenha a função de preservar a cultura e a identidade, fortalecendo os vínculos comunitários. Desse modo, os saberes constituem os meios tangíveis por meio dos quais ocorre a transmissão dos valores, hábitos e costumes da comunidade.

No âmbito da narração de histórias, apresenta-se um ato pelo qual as crianças adquirem os princípios morais que as caracterizam como membros do grupo. As histórias não são comunicadas como relatos do passado, mas como atualizações do presente. Aquele que narra não busca apenas recordar ou educar, mas sim reviver os elementos contidos nas narrativas, conferindo-lhes significado e justificando a realidade à qual estão submetidos.

> A nossa história, no princípio que nascemos (...) o primeiro Warao veio de lá de cima, chegou aqui na Terra, quando ele viu a terra, havia comida bastante, e ele pensou que tinha tanto Warao lá em cima, que ele pensou que dava pra ficar aqui. Então ele voltou e falou: "lá em baixo tem comida bastante", lá em cima já não tinha muita comida. E aí então, os Warao colocaram uma corda, que amarrou lá em cima e outro aqui em baixo. Quando viram os Warao, havia bastante. Todos os Warao queriam vir para cá, então o buraco se trancou, os Warao daqui não puderam voltar pra lá. E aí os Warao que querem voltar lá pra cima tiveram que caminhar aqui. Por isso que, quando nós morremos, nós voltamos para nossa família lá em cima, aí vamos ficar lá com nossa família. Assim está nossa história, que conto aos netos e tudo.[30]

[30] PEREZ, Valentin. **Colaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.

O mito do "primeiro Warao" desempenha um papel de atualização das estruturas sociais, religiosas, místicas e culturais, reorientando esses grupos em direção a pontos referenciais. Nesse contexto, o ato de contar transcende a mera transmissão do valor sociorreligioso, tornando-se uma atividade reflexiva que contempla a vida, a existência e a razão de sua presença no mundo material. Essa prática representa um avanço para além das limitações materiais da razão e da experiência, emergindo como um ato de transcendência da realidade aparente para os Warao. Isso lhes confere um status místico, proporcionando uma compreensão mais ampla da vida e do mundo.

Assim, a ação que surge das práticas reflexivas associadas à narração de histórias, orienta os indivíduos para uma prática que se traduz no exercício e na abstração do conhecimento em direção a ações benéficas de acordo com os valores da etnia.

Em paralelo a esta dimensão, os saberes da Memória evocam a significância do monte Orinoco, localizado no Delta do Rio Orinoco, com o propósito de ressurgir o sentimento de conexão com o(s) território(os) tradicional/tradicionais. Esse processo de recordar, transcende a mera alusão a um espaço físico, constituindo o reavivamento de um lugar carregado de afetos, experiências e religiosidades. É uma forma de reconectar-se com raízes ontológicas do ser.

Revisitar a lembrança do monte como referência central nas relações evoca uma gama de pensamentos cosmológicos, todos orientando, de certa forma, as ações dessas comunidades, impulsionados pela esperança de eventualmente retornar aos tempos memoráveis que agora só subsistem na memória individual.

As comunidades são guiadas por essas reminiscências, nelas encontram calor e vigor para enfrentar as dificuldades e desafios da vida. As memórias assumem o papel de companheiras fiéis, e, nesse sentido, cada Warao deve assimilar suas lições.

Nessas narrativas, residem mais do que meros acontecimentos do passado; elas encapsulam vidas, experiências, conceitos, fatos e mitos. É o sentimento intrínseco de pertencimento, acompanhado pela saudade e, em essência, pela conexão familiar que frequentemente instiga esses grupos a considerar o retorno à Venezuela.

A realidade dos espaços onde se estabelecem não suprime o desejo de voltar para os seus territórios, uma vez que na Venezuela também existem necessidades que demandam apoio financeiro, roupas, alimentação, entre outros. Dessa maneira, essas comunidades adotam uma dinâmica pendular de deslocamento, adentrando e deixando

territórios, redesenhando rotas em busca de condições mais favoráveis em prol de suas famílias e de seus vínculos.

No âmbito dos saberes da economia, destacam-se as atividades de coleta desempenhadas pelas mulheres. Nesse contexto, cabe a elas, muitas vezes, obter recursos financeiros, alimentos ou outras provisões que contribuam para garantir a subsistência do coletivo.

Neste processo, tornou-se uma ocorrência avistar grupos de mulheres pelas ruas e avenidas solicitando doações, no qual torna-se importante entender que, neste fenômeno especifico, apresenta-se uma estrutura social diante de um cenário de mobilidade que coloca o gênero na posição de provedoras da família e/ou comunidade, sendo também perceptível a presença de crianças, frequentemente do sexo feminino, que estão ao lado dessas mulheres, não por aleatoriedade, mas como uma estratégia de sobrevivência, ao passo que se busca sensibilizar outros sujeitos para a realidade.

Assim, a tarefa do gênero feminino engloba atividades de coleta que visem à manutenção da subsistência dentro dos limites urbanos. Essa função, no entanto, também vem acompanhada de uma vulnerabilidade intrínseca. Ao se aventurarem nas ruas para obter recursos, as mulheres ficam suscetíveis a uma gama de ameaças e adversidades que o ambiente urbano, frequentemente caracterizado por preconceitos de gênero, pode impor a quem se encontra em uma situação de fragilidade econômica e social.

Portanto, esse conjunto de fatores transcende a mera acumulação de saberes, incorporando um compromisso à medida que as crianças participam ativamente das práticas que ensejam o "como fazer". No contexto dos eventos que envolvem a etnia Warao, as mulheres não são relegadas a um papel secundário, mas emergem como o núcleo central de resiliência e resistência. Elas revelam as capacidades adaptativas da comunidade em face das suas circunstâncias, abordando as complexas dinâmicas oriundas das constantes transformações urbanas, dos desafios climáticos, das situações de violência e outras vicissitudes.

No que se refere aos conhecimentos das Leis étnicas Warao, é fundamental considerar sua importância para a promoção da harmonia entre os diferentes. Nesse contexto, torna-se possível traçar uma linha de raciocínio que busca compreender como essas comunidades conseguem coalescer desde núcleos familiares até a constituição de um grupo clãnico coeso. A viabilidade desse processo está intrinsecamente ligada à compreensão das leis que regem os Warao como um conjunto normativo.

Dessa forma, os Warao não somente conseguem formar uma comunidade unificada, mas também preservar as estruturas de pensamento e organização que os caracterizam. Isso possibilita não apenas o deslocamento, mas também a coexistência sob a liderança daquele que é considerado o mais sábio, guardião e, em alguns casos, *Aidamo*. Assim, para esses grupos, ser uma liderança (ou *Aidamo*) vai além de uma mera posição de respeito; é um reconhecimento que emana do próprio grupo, singular e específico, que o legitima, ao passo que os mesmos conferem poder, autoridade e subordinação.

As leis da etnia ainda desempenham o papel de manifestações concretas dos valores que são cuidadosamente refletidos, sistematizados, organizados e aplicados. Compreender esses códigos, possibilita adentrar em um intrincado sistema de categorização do pensamento que transcende a mera regulamentação. Essas leis não apenas delineiam normas, mas também representam estruturas fundamentais que moldam as vivências desses grupos provenientes de diversas comunidades.

É essencial ressaltar que essas leis não podem ser generalizadas ou comparadas diretamente com outras normativas de grupos indígenas distintos, tampouco com comunidades de imigrantes. Cada conjunto de leis Warao é intrinsecamente enraizado nas perspectivas éticas e morais dessa etnia, refletindo suas singularidades culturais nas maneiras como educam, organizam suas comunidades, compartilham o poder e estabelecem funções.

Portanto, ao abordar essa perspectiva normativa, escapa-se da tentação de uma análise comparativa simplista. As leis Warao não podem ser transpostas diretamente para outras realidades culturais. Elas incorporam nuances intrincadas, refletindo os contextos históricos, espirituais e sociais dos Warao, bem como sua interação com o ambiente urbano e a dinâmica de deslocamento.

No contexto dos saberes de artesanato, observa-se uma prática profundamente enraizada, no qual o artesanato é considerado uma atividade central dentro dessas comunidades, sendo caracterizado pelo processo de criação de itens como pulseiras, cordões, tornozeleiras, mandalas e outros objetos similares. Historicamente, a produção de artesanato frequentemente utilizou materiais como a palha do *Morichi*[36], bem como miçangas, linhas de costura, agulhas e tecidos. No entanto, devido ao processo de deslocamento, essas práticas artesanais têm se adaptado para incorporar diferentes materiais.

A prática do artesanato é uma atividade abraçada por todos os membros da comunidade, com os idosos frequentemente liderando a produção das peças. Essa dinâmica reflete a busca por aceitação e reconhecimento da identidade desses grupos, enquanto continuam a jornada em direção a uma compreensão mais ampla de suas formas de vida.

Ao que se refere aos tabus alimentares, destaca-se uma necessidade intrínseca de ressignificar suas práticas relacionadas à alimentação. A imposição de restrições e proibições alimentares não apenas delineia uma parte significativa da identidade cultural desse grupo, mas também exige que eles busquem novas abordagens para assegurar sua identidade no contexto desafiador em que estão inseridos.

> Quando eu era um Warao pequeno, eu caçava minha própria comida, porque não podemos chorar de fome, aí eu chorava: "Papai, mamãe: *nahoro*!" Eles diziam: "Não, não tem *nahoro*, vamos buscar *nahoro* no monte!" No monte há *nahoro*, bastante! Os Warao não sabiam nada de comer comida de carne de vaca, comer frango, nada! Nesse tempo, não havia nada, somente animal, lá na Venezuela se diz "benal, lapa, bactiro", esses animais de caça, que matávamos e comemos. Se não tivesse a caça não comeríamos nada. Caminhávamos para poder comer. Assim se cresce o Warao.[31]

Nesta abordagem, há uma clara reverência ao monte como fonte essencial de provisão para sua existência, no qual as memórias da infância se opõem à realidade atual, estabelecendo um contraste marcante na percepção desse indivíduo, que se vê compelido a redefinir suas práticas alimentares. O *Aidamo* relata em outra ocasião sua rotina de buscar alimento no monte, destacando como essa atividade possuía uma dimensão educativa, representando um conjunto de habilidades e conhecimentos práticos a serem dominados.

> Meu pai e minha mãe, bom (...) Me ensinaram! "Vamos ao monte!" A buscar comida, vamos todos lá. Então quando íamos, eu e meu pai, trabalhávamos, pegando "cifra de *morichi*". Mamãe trabalhava amassando isso aí para poder fazer uma comida chamada "*juruma*" [feito com o liquido do morichi]. Então era de tarde, e meu pai me dizia: "Bom meu filho, vem até aqui porque eu tô trabalhando isso, mas quando tu tiver grande, e se um dia, quando eu tiver morto, tu vem aqui e faz isso aqui porque tu sabe como te manter vivo". Assim educam uma mamãe e um papai de um Warao.[32]

Nessa perspectiva, emerge uma compreensão dos hábitos alimentares intrínsecos à cultura dessa etnia. A ausência de familiaridade com diferentes formas de

[31] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.
[32] PEREZ, Valentin. C**olaborador da Pesquisa**. Entrevista. Belém, 2022.

preparo e tipos de alimentos revela o isolamento anterior desses grupos em relação aos sistemas urbanos, mantendo seus próprios ritmos de vida. A introdução da comercialização de produtos alimentícios evidencia como o deslocamento para os grandes centros urbanos impactaram drasticamente seus hábitos, forçando-os a se adaptarem a novos processos, onde o conhecimento sobre alimentação é superado e substituído por outras logicas de interação, no qual desaparece a necessidade de subir ao monte Orinoco e se engendra uma lógica perversa de compra e venda.

4.Considerações finais

O estudo em torno da mobilidade e adaptação dos grupos Warao em contextos urbanos revelou uma intrincada teia de desafios, estratégias de sobrevivência e ações de preservação cultural. Ao longo deste trabalho, explorou-se as nuances dessa realidade complexa, destacando a importância da transmissão de saberes, a reconfiguração dos papéis tradicionais e a busca incessante por uma identidade que possa resistir às pressões impostas pelo meio urbano.

A mobilidade dos Warao para cidades como Belém trouxe à tona questões urgentes sobre a preservação da cultura, a adaptação às novas dinâmicas urbanas e a luta constante pela sobrevivência em um ambiente hostil. Ficou evidente que esse deslocamento não se trata de um evento isolado, mas de um fenômeno que se estende por vários anos, moldando e redefinindo a presença desses grupos em espaços urbanos.

A transmissão de saberes emerge como uma estratégia essencial para a manutenção da identidade cultural dos Warao. As narrativas, histórias e tradições transmitidas oralmente pelos mais velhos desempenham um papel fundamental na resistência às mudanças impostas pela vida na cidade. Essas narrativas não apenas reforçam os laços culturais, mas também constituem uma tentativa de recriar o espaço e ressignificar as experiências, permitindo que o grupo lute por legitimidade, autonomia e valores identitários.

Os papéis de gênero também foram reconfigurados nesse contexto. Enquanto as mulheres assumem a responsabilidade pela manutenção básica da comunidade, os homens se adaptam a novas atividades laborais em busca de recursos para o grupo. O papel do *Aidamo*, como o transmissor de tradições e o guardião da cultura, ganha destaque, assim como sua influência na redefinição dos papéis sociais.

A relação entre os Warao e o ambiente urbano é marcada por desafios significativos, como a ocupação de espaços públicos, a vulnerabilidade social e a falta de políticas públicas adequadas. A presença desses grupos em praças e áreas urbanas transforma as paisagens e destaca a necessidade de estratégias de recepção mais abrangentes e sensíveis.

Em última análise, destaca-se a complexidade e a riqueza da experiência dos Warao em contextos urbanos. O processo de adaptação e resistência, a transmissão de saberes, a redefinição dos papéis de gênero e a luta por uma identidade cultural forte são aspectos interligados que refletem a resiliência desses grupos diante das adversidades. A compreensão dessa realidade exige uma abordagem que valorize as perspectivas indígenas, reconhecendo a importância das narrativas, tradições e valores culturais na manutenção da cultura Warao. Em última instância, essas reflexões ressaltam a necessidade contínua de políticas públicas e ações efetivas que atendam às necessidades específicas dessas comunidades, contribuindo para a sua preservação e a dignidade. Cabe reconhecer, como limitação deste estudo, que a fundamentação empírica das categorias analíticas concentra-se majoritariamente nos relatos de um único interlocutor principal (o Aidamo Valentin Perez), o que, embora coerente com os protocolos de consulta prévia da etnia, restringe a diversidade de vozes representadas. Pesquisas futuras poderão ampliar a diversidade de interlocutores, incluindo mulheres, jovens e membros de outras comunidades Warao em mobilidade, possibilitando uma compreensão mais plural das dinâmicas de transmissão de saberes e adaptação urbana.

REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Mid-Year Trends 2021*. Genebra: ACNUR, 2021.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes*. Brasília, DF: ACNUR, 2021.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Relatório semestral ACNUR, Belém: relatório de atividades*. Belém: ACNUR, ago.-dez. 2021.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Cartilha sobre acesso à terra e moradia para pessoas refugiadas e migrantes no Brasil*. Brasília, DF: ACNUR, dez. 2021.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *Vozes das pessoas refugiadas no Brasil: diagnósticos participativos do ACNUR*. Brasília, DF: ACNUR, 2020.

ALEXIADES, Miguel N.; PELUSO, Daniela M. Indigenous urbanization in lowland South America. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2015.

ALLAIRE, Louis. The Caribs of the Lesser Antilles. In: WILSON, Samuel M. (ed.). *The Indigenous People of the Caribbean*. Gainesville: University Press of Florida, 1997. p. 179-185.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BBC NEWS BRASIL. Crise na Venezuela: o que levou o país vizinho ao colapso econômico e à maior crise de sua história. *BBC News Brasil*, 24 jan. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/24/crise-na-venezuela-o-que-levou-o-pais-vizinho-ao-colapso-economico-e-a-maior-crise-de-sua-historia.ghtml. Acesso em: 11 jan. 2023.

DIAS, Walison Almeida. *Tradições bioculturais em circunstâncias migratórias: um estudo de caso com os ameríndios Warao na cidade de Belém, Pará*. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023.

FRANKLIN, Cleber Batalha. A crise na Venezuela e os desdobramentos para o Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DO FOMERCO, 2017, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 2017. p. 1-14.

G1 PARÁ. Índios venezuelanos se espalham pelo Norte e autoridades suspeitam de exploração por brasileiros. *G1 Pará*, 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/indios-venezuelanos-se-espalham-pelo-norte-e-autoridades-suspeitam-de-exploracao-por-brasileiros.ghtml. Acesso em: 11 jan. 2023.

GARCÍA-CASTRO, Alvaro. Mendicidad indígena: los Warao urbanos. *Boletín Antropológico*, v. 18, n. 49, p. 81-90, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEINEN, H. Dieter. Los Warao. In: LIZOT, Jacques (ed.). *Los aborígenes de Venezuela*. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 1988. p. 585-689.

LIMA, Yleana do Socorro dos Santos. Memória e narrativa oral: duas formas de mediar reflexões sobre práticas de milagre em/de São Benedito, Bragança, Pará – século XX. *Boitatá*, v. 7, n. 14, p. 144-156, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). *Aspectos jurídicos da atenção aos indígenas migrantes da Venezuela para o Brasil*. Brasília, DF: OIM, 2018. Disponível em:

https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/BRL-OIM%2520004.pdf. Acesso em: 11 jan. 2023.

PROTOCOLO de consulta prévia do povo Warao em Belém/PA. 1. ed. Belém: EDUEPA, 2020. Disponível em: https://rca.org.br/wp-content/uploads/2020/07/2020-Protocolo-de-Consulta-Warao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

RAMOS, Luciana; BOTELHO, Emília; TARRAGÓ, Eduardo. *Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima*. Parecer Técnico n. 208/2017/SEAP/6ª CCR/PFDC. Brasília, DF: Procuradoria-Geral da República, 2017.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida; ORTOLAN, Maria Helena; SILVA, Sidney Antonio da. "Índios imigrantes" ou "imigrantes índios"? Os Warao no Brasil e a necessidade de políticas migratórias indigenistas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31., 2018, Brasília. *Anais [...]*. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. Disponível em: http://www.31rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublico. Acesso em: 11 dez. 2019.

WILBERT, Johannes. *Mystic endowment: religious ethnography of the Warao Indians*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.